



TRADIÇÃO E CONTRADIÇÃO: A IDENTIDADE DA ARTE PARANAENSE EM QUESTÃO

Emerson Dionisio Gomes de Oliveira

UnB

O presente trabalho procura investigar as escolhas curatoriais da exposição *Tradição/Contradição*, realizada pelo Museu de Arte Contemporânea do Paraná, entre 03 de junho e 03 de agosto de 1986. A mostra, sob curadoria de Maria José Justino, foi um desdobramento do curso livre realizado pela FUNARTE e pelo SESC em abril do mesmo ano, no qual pensadores de diferentes áreas (José Arthur Giannotti, Gerd Bornheim, Roberto Schwartz, Paulo Sérgio Duarte entre outros) discutiram o tema Tradição e Contradição sob as mais diferentes perspectivas. A exposição foi dividida em quatro áreas – Primeiros Tempos, Paraná Tradicional, Modernidade e Contemporâneos –, com subcuradorias de Oldemar Blasi, Fernando Bini, Maria José Justino e Ennio Marques Ferreira, respectivamente. Seu principal objetivo foi apresentar uma síntese da produção visual do estado do Paraná, da Pré-história até as manifestações da chamada arte contemporânea, num amplo espectro, que abrangeu dos estudos arqueológicos às experimentações tecnológicas, passando pelo *design* e pela arquitetura. Ao mesmo tempo em que cumpriu suas metas gerais, a exposição suscitou polêmicas no ambiente crítico paranaense, dando-nos a oportunidade de conhecer como a mostra fora recebida dentro de alguns ambientes institucionais do estado. Um dos pontos debatidos na ocasião estava enraizado na escolha dos artistas “modernos” e “contemporâneos”



XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

apresentados como candidatos a formar o cânone das artes visuais paranaenses. Tal cânone abriria, mais uma vez, a discussão identitária premente ao longo do século XX, indicada pelos vestígios, ainda presentes, do tradicional movimento *Paranaísta*. Do mesmo modo, a mostra evidenciou a fragilidade dos acervos públicos locais – tipificados pela coleção do Museu de Arte Contemporânea do Paraná – às vésperas da criação do Museu de Arte do Paraná (1987). Para além das questões diretamente tratadas pela curadoria, refutadas ou elogiadas pela crítica local, e diante da documentação deixada pela exposição, temos a chance de apresentar um modelo específico de História da Arte que orientou o projeto curatorial. Modelo amparado por escolhas genealógicas e filiações a serviço de enquadramentos ilusoriamente universais e autônomos.

Exposição, identidades, museus de arte